

EDITORIAL



<https://doi.org/10.22228/rt-f.v16i1.1287>

No início da tarde do dia 08 de janeiro de 2023, uma semana depois da posse do novo governo saído vitorioso nas disputadíssimas eleições realizadas no mês de outubro do ano anterior, os principais canais de informação noticiavam em tempo real que as sedes dos três poderes da república brasileira em Brasília haviam sido invadidas por centenas, talvez milhares, de vândalos/manifestantes. Em poucas horas, os que lá estavam depredaram os lugares acessados. Inicialmente inerte, a polícia agiu a prender e identificar os mais exaltados. Outros tantos conseguiram fugir deixando para trás um rastro de caos e destruição. Mas o estrago já estava feito. Passados pouco mais de seis meses daquela tarde fatídica, boa parte do que foi depredado foi restaurada e/ou devolvida para os seus devidos lugares. Muitos daqueles e daquelas que se envolveram direta ou indiretamente na ação foram detidos e/ou estão sendo investigados com o devido rigor da lei, o mínimo que se espera para quem atenta contra o Estado e suas instituições e também contra a própria democracia.

Em Valência, na Espanha, logo no início da tarde do dia 21 de maio de 2023, assistimos estarecidos diante das telas de TV, computadores e smartphones mais um dos frequentes ataques racistas sofridos pelo atacante brasileiro Vinícius Júnior em uma partida do Campeonato Espanhol de Futebol profissional, conhecido como La Liga. Este é apenas mais um dos incontáveis episódios de violências físicas e simbólicas contra pessoas de pele negra que se espalham pelo mundo e que, lamentavelmente, têm apoio cada vez maior de grupos extremistas que seguem a se embrenhar na política para dar legitimidade às suas bandeiras eivadas de intolerância e preconceito com a desculpa de que exercem e defendem o direito à “liberdade de expressão”. O ocorrido naquele dia é apenas a parte mais visível deste lamentável processo. Infelizmente. Ao mesmo tempo em que tais situações ganham repercussão, um número igualmente grande de pesquisadoras e pesquisadores tenta entender as razões para a existência de tal fenômeno que incentiva os que se opõem a reformas e mudanças que tragam inclusão e se alimenta de raiva e horror à democracia que se torna cada vez mais frágil à medida que a retórica do ódio a agride.

Diante desses dois fatos que se conectam e dos diversos outros que poderia aqui citar, fica a necessidade de fazer ecoar a frase em tom de alerta deixada por Kehinde Andrews em *A nova era do império: como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo*, seu livro mais recente já traduzido para o Português: “Se isso não tirar a venda dos nossos olhos, nada tirará”. Não custa lembrar que, mesmo imperfeita, a democracia é o melhor dentre todos os sistemas de governo que temos à nossa disposição e a vida democrática é a melhor vida possível. Ainda que com algumas modificações, nunca será demais repetir essa frase tão conhecida e vital. Certamente, uma das mais marcantes do século XX, período que experimentou o que de pior os regimes totalitários podem fazer contra quem a eles ousa se opor, sobretudo quando as minorias assumem esse papel em defesa da própria sobrevivência. Em diálogo com Andrews, seguimos com a certeza de que devem as mãos de quem se permite guiar por essas premissas erguer diuturnamente as vendas que tentam colocar diante de nossos olhos e daqueles e daquelas que lutam contra a razão delirante dos bárbaros que ressurgem dia a dia a desafiar o nosso processo civilizatório.

Publicações recentes como, entre outras, *O povo contra a democracia*, de Yascha Mounk, *Como as democracias morrem*, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt e *Como a democracia chega ao fim*, de David Runciman, foram extremamente úteis na fundamentação dos debates travados no decorrer da última década e nos primeiros anos da atual, décadas que veem crescer a escalada do uso de conceitos como pós-verdade, autoverdade, necropolítica e pós-política. Somadas, as três publicações ora em tela indicam a necessidade imperativa de se entender os novos mecanismos que se nutrem de pensamentos e atos golpistas e que hoje dispensam o uso de tanques e armas de grosso calibre para tomar o poder e fazer valer as suas vontades. É com estas questões como pano de fundo assim como a defesa incondicional da democracia e combate ao racismo a ecoar em nossos ouvidos que anuncio a publicação do número 16 volume 1 da *Revista Territórios & Fronteiras* que traz em suas páginas o dossiê temático Democracia, memória, representações. Com dito nas linhas anteriores: um assunto não apenas necessário, mas urgente. Uma urgência que indica que, ainda que continuemos aqui são e fortes, como ensinou em 1976 o saudoso poeta cantor cearense, devemos lembrar: “cuidado, (...) há perigo na esquina”.

No supracitado dossiê, além da apresentação feita pelas professoras e organizadoras Rosangela Patriota (UPM/CNPq) e Luisa Consuelo Soler Lizarazo (Universidade Autónoma de Chile), os leitores e as leitoras terão a oportunidade de

encontrar os trabalhos de Robson Pereira da Silva, Lays Capelozi, Grace Campos Costa, Alisson Eugênio, Enrique Cruz, Fernando Roque Fernandes, Poliana Cardozo, Lucas Antoszczyszyn, Jaime Bornacelly, Letícia Ferreira e Mariana Esteves de Oliveira. Elas e eles, docentes, pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições brasileiras e internacionais que voltaram seus esforços para debater temas que dizem respeito a todos nós, homens e mulheres, jovens ou não, brasileiros ou não.

Como nas edições anteriores de *Territórios e Fronteiras*, as pessoas que aceitarem o convite de percorrer as páginas deste volume ainda poderão ler um conjunto significativo de artigos livres e uma resenha crítica. Doze diferentes autores-pesquisadores e autoras-pesquisadoras responsáveis pela escrita de nove textos que, em linhas gerais versam sobre temas relacionados à política, economia, sociedade, ensino e geografia de várias partes do Brasil e do mundo, desde a Idade Média à contemporaneidade. Um conjunto variado de trabalhos que novamente confirma a pluralidade temática de *Territórios e Fronteiras* e sua capacidade de se manter como um periódico interdisciplinar.

Isso tudo somente foi possível graças ao trabalho primoroso de nosso Conselho Editorial e dos(as) pareceristas que analisaram os artigos então submetidos. Foram eles e elas, Edison Antônio Souza, Flávio Vilas-Bôas Trovão, Ary Albuquerque Cavalcanti Junior, Caroline Garcia Mendes, Marta Rosa Borin, Lídia Baungarten, Paulo Roberto Souto Maior Júnior, Nilson Javier Ibagón Martín, Laura Lima Muñoz, Thales Biguinatti Carias, Ernesto Sena, Renilson Rosa Ribeiro, Aguinaldo Rodrigues Gomes, Osvaldo Rodrigues Júnior, Alexandre Guilherme da Cruz Alves Júnior, Sâmella Paungarten, Carla Lisboa Porto, André Geraldo Berezuk, Jiani Fernando Langaro, Francieli Aparecida Marinato, Miguel Rodrigues de Sousa Neto, Thaís Leão Vieira, Eduardo Cardoso Daflon, Leandro Duarte Rust, Renata Sousa Nascimento, Luciano José Vianna, Bruno Pinheiro Rodrigues, Lídia Baungarten, Marta Rosa Borin e Thiago Magela. Aqui deixo expressa a imensa gratidão a levar na memória a convicção de que fizeram um trabalho magnífico ao longo dos meses que precederam esta publicação.

Em tempos nos quais as ameaças das mais diferentes formas de negacionismo, do autoritarismo da pós-verdade e das políticas de destruição ainda grassam livres, leves e soltas bem diante de nossos olhos, este novo volume de *Territórios & Fronteiras* vem a público encharcado de uma genuína esperança e de um sincero desejo de renascer, algo presente nas palavras de muitos dos nossos e das nossas articulistas. E não custa repetir: que este desejo se faça com a devida estabilidade institucional e democrática, algo pelo

qual muitos de nós lutamos ao longo destes últimos quatro anos. Algo pelo qual devemos permanentemente lutar pois é parte indissociável de nosso processo civilizatório. É preciso estar atento e forte.

Em nome de nosso Conselho Editorial e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGHIS-UFMT), agradeço a todas as pessoas que destinaram os seus textos para publicação, pessoas que dedicaram parte de seu precioso tempo e de suas energias para manter esta revista funcionando com vistas à sua função primordial: a divulgação do conhecimento. Espero que apreciem os textos. Ótimas leituras a todos e a todas. Por fim, nas palavras do poeta-cantor nordestino levemente adaptadas e que novamente tomo como inspiração, que com orgulho possamos escrever em letras grandes de novo pelos muros do país: DEMOCRACIA PARA SEMPRE!

Professor Dr. Carlile Lanzieri Júnior
Editor-chefe da Revista Territórios & Fronteiras